
O ESTUDO DA LÍNGUA FRANCESA PODE CONTRIBUIR PARA UM MELHOR CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS?

Maria Helena Garrido Saggi**

RESUMO

Este artigo fundamenta-se, particularmente, numa coletânea de documentos ligados à prática pedagógica de sua autora, no curso de Letras da UFG. São registros de situações, criteriosamente analisadas, que se prestam à demonstração de como o estudo da Língua Francesa pode contribuir para um melhor conhecimento do Português.

Quando se lêem artigos sobre a situação da língua francesa na escola brasileira, hoje, é comum constatar-se a preocupação em se estabelecer uma consciência social da importância do estudo de tal idioma na formação cultural do cidadão brasileiro.

É nessa linha de considerações, por exemplo, que os autores da abordagem “L’enseignement du Français dans l’école publique et la formation du professeur”¹ destacam, entre as razões invocadas em favor do ensino do francês na escola pública, o fato de que, sendo uma língua neolatina, “elle peut être utilisée (...) de manière à faire comprendre par l’élève et lui apprendre à aimer sa propre langue” (ela pode ser utilizada (...) de modo a ajudar o aluno a compreender e amar sua própria língua).

O peso de semelhante afirmação leva-nos a inquirir: será isso mesmo assim? E o fazemos no intuito de interpretarmos a dúvida silenciada de muitos que talvez não tenham suportes mais ou menos objetivos em que se apoiem para apostarem na consistência desse argumento.

Isto posto, o que nos propomos fazer é o esboço de um perfil algo impressionista do processo, cujos traços são situações pedagógicas, colhidas aqui e ali, e que se prestam a revelar como o estudo da língua francesa pode propiciar um melhor conhecimento do português, especialmente se valorizada a perspectiva comparativista na condução da aborda-

* Comunicação apresentada no I Seminário Nacional de Linguística e Língua Portuguesa - “Discurso, Sociedade e Ensino” - FL/UFG, de 11 a 15 de setembro de 1995.

** Professora Assistente de Francês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

gem. E isso porque, ao se oportunizar ao estudante uma retomada de situações de uso de sua língua, em confronto com situações similares de uso do francês, dá-se lugar a um efeito de *singularização* ou *estranhamento* daquela, se interpretado o fenômeno à luz de certa teoria do formalismo russo. Conforme se sabe, tal procedimento foi entendido por Chklovski² como um meio de retirar os marcos habitualmente caracterizadores do objeto, fazendo com que esse se apresentasse de um modo novo, desautomatizado.

Impondo-se, desta forma, a uma visão diferente – porque subtraída à quotidianidade do aprendizado comum – a língua materna tende a atrair o interesse, fazendo concentrar a atenção sobre si; conseqüentemente, as regras que lhe presidem o emprego “monitorado” tornam-se mais facilmente assimiláveis.

Em face do que se expôs, parece-nos ter ficado claro o papel que reconhecemos ao idioma francês no processo em causa. Isentamo-nos de qualquer pretensão no sentido de o considerarmos como um fornecedor ou, mesmo, um complementador necessário do conhecimento do português. O que entendemos assistir-lhe é uma função de resgate – seja de conteúdos repassados e não suficientemente apreendidos, nos períodos de estudo da língua materna, seja de oportunidades que, circunstancialmente, não se deram ao ensino de tais conteúdos.

Passando das considerações aos fatos, podemos apontar, por exemplo, a questão ligada ao emprego dos pronomes pessoais, quando se requer a modalidade padrão no uso da língua. Sabe-se que é comum, mesmo entre os alunos das licenciaturas em Letras, certa dificuldade no emprego das formas pronominais, sobretudo daquelas a que se reservam funções específicas na sintaxe das regências verbais. Este problema vai-se colocar, com força jamais sentida, acreditamos, sob forma de interferência do idioma materno no procedimento de aprendizagem da segunda língua. Para ilustrarmos isso, passaremos às amostras de situações reais, pinçadas no desenrolar do Curso de Letras, dupla licenciatura – Português/ Francês, da UFG. São fragmentos de textos produzidos por alunos, como prática de língua escrita. Destacamos os elementos para os quais quisemos chamar a atenção, à luz de cada enfoque.

SITUAÇÃO A – destaque para regência verbal/pronome.

A.1 – (Relato de um depoimento): “Louis dit qu’il déteste Pierre, qu’il voudrait *lui tuer*, mais que Marie *lui protège*, jamais *lui abandonne*. (...)” (2e année/95)

COMENTÁRIO: Ao empregar o pronome *lui* como complemento dos verbos *tuer*, *protéger* e *abandonner*, o redator transgrediu uma norma da sintaxe francesa, que encontra exata equivalência no sistema culto, ou modalidade padrão, do português. E isso porque ao pronome francês *lui* reserva-se, predominantemente, na condição de complemento verbal, a função de objeto indireto. Como tal, corresponde ao pronome *lhe*, em português. *Tuer*, *protéger*, *abandonner* são verbos transitivos diretos, à semelhança de *matar*, *proteger* e *abandonar*. Assim, seria *le* (o, em português) o pronome autorizado a substituir *Pierre*, tido como o ser diretamente atingido pela ação verbal.

A. 2 – (Diálogo entre Pierre e Sylvie que estão em desacordo sobre a conveniência de se convidar Monique para a festa que planejam fazer):

- (...)
- Sylvie, mais elle est mon amie, *j'aime elle* beaucoup (...)
- (...)
- (...) enfin elle est mon amie, je vais *inviter elle*.
- (...)
- (...) je ne vais pas à cette fête, parce que tu *préfères elle* que moi.”
(Francês, nível IV/95)

COMENTÁRIO: Na situação supra, os sintagmas “*j'aime elle*” (amo ela), “*je vais inviter elle*” (vou convidar ela) e “*tu préfères elle*” (tu prefere ela) são rejeitados – tanto no francês, quanto no português formal – devido ao mesmo motivo, ou seja, o emprego do pronome subjetivo “*elle*” (ela) na função de complemento verbal. Neste caso, a forma convencional seria *la/ l'* (a, em português).

Além do problema pronominal já apontado, observe-se que a estrutura “*tu préfères elle que moi*” tem ainda a inviabilizá-la, em francês, o emprego da conjunção *que* em lugar da preposição *à*, no que se pode ver uma fiel projeção do cruzamento sintático que ocorre em semelhante formulação no português coloquial: Tu *a* prefere a *mim* X Tu queres antes *a ela do que a mim* = Tu prefere *ela do que eu*.

O correto, em francês, seria *tu la préfères à moi*, em perfeita sintonia estrutural com o português *tu a prefere a mim*.

SITUAÇÃO B – destaque para níveis de relação pessoal discursiva/pronome.

B.1 – (Bilhete de Michel a Martine, escusando-se por não *lhe* ter escrito antes, em resposta a seu convite):

Martine,
Excuse-moi. Je n'ai pas pu **lui** répondre avant. J'étais malade, mais je la fais maintenant. (...)

(Francês, nível IV/95)

COMENTÁRIO: O emprego de “tu” (2.^a pessoa), implícito na desinência imperativa do “excuse-moi” conflita com o *lui* (3.^a pessoa), constituindo-se, em francês, uma forte transgressão, já que a heterogeneidade pronominal do tratamento aplicado ao mesmo interlocutor (Martine) configura um desnível, como que um descarrilamento na relação discursiva. Em geral, a percepção dessa gravidade não se propõe tão clara ao nosso aluno, em razão de a língua portuguesa permitir o tratamento da 2.^a pessoa do discurso – o *receptor*, no processo comunicativo da linguagem – através de formas pronominais e verbais de 3.^a pessoa (*tu/você* e equivalentes). Apesar de o uso formal *exigir* a opção por uma ou outra forma, o que implica fidelidade do usuário à escolha feita – sabe-se que é comum a mistura dos dois pronomes no uso coloquial. Ilustram isso situações habituais de fala, como: “Fulano, *você* vai conosco? Onde *te* encontramos?” Ora, isso não ocorre, definitivamente, em francês. O correto, portanto, seria “Je n'ai pas pu *te* répondre”.

Posto que não rigorosamente dentro do enfoque anunciado, o emprego do pronome *la* (*a*, em português), na última frase do bilhete, merece destaque. Sua inadequação se reconhece, em francês, exatamente como se daria, em português, já que o espaço estrutural que ele ocupa só poderia ser preenchido pelo pronome *le* (*o*, em português), que, neste caso, teria o valor do demonstrativo neutro (*ce, ceci, cela / isto, isso*). Teríamos, assim: “mais je *le* fais maintenant”.

B.2 – (Bilhete de Patrice Dubourg a M. Joseph Vernet, diretor da Télé-Jeunes, respondendo a um convite de contratação):

“Monsieur,
J'ai bien reçu *sa* lettre, et je vous remercie de la chance que vous m'offrez. J'accepte *sa* proposition (...).”

(Francês, nível IV/95)

COMENTÁRIO: A incompatibilidade entre *vous* e *sa* retoma o problema do desnível no processo comunicativo. Embora *sa* se classifique, em francês, como *adjetivo* possessivo, não se pode negar o seu valor vicário na relação que estabelece entre possuidor e possuído: em outras palavras, ele substitui, ele implica a pessoa do possuidor, o que lhe confere,

essencialmente, um valor pronominal. A propósito, acreditamos ter sido o reconhecimento disso o que levou a gramática portuguesa contemporânea a resgatar esse aspecto do possessivo, com a classificação ambivalente de *pronomes adjetivos* possessivos.

B.3 – (Bilhete de Paul a Véronique, explicando-lhe certa impossibilidade de Jean, em razão do estado de saúde da mãe *deste*).

“Véronique,
Jean ne peut aller au cinéma avec nous, car *ta* mère est malade. (...)”
(Francês, nível IV/95)

COMENTÁRIO: Tem-se, no texto transcrito, um índice recorrente de insuficiência na percepção dos planos em que se distribuem as pessoas gramaticais no jogo da relação discursiva. Em francês, como em português, estabelecer uma relação de posse em nível de 2.^a pessoa para referir uma 3.^a equivale a comprometer seriamente o entendimento da mensagem. Considere-se o exemplo: “Pedro, José vem chegando aflito: tua casa pegou fogo” – em que se empregou o possessivo *tua* com a intenção de se referir à casa *de José*. que conseqüências não se poderiam desencadear no circuito de Pedro!...

Outro aspecto interessante de se observar é o que se refere a determinada tendência na concordância verbal. Trata-se de situações em que se faz o verbo concordar com o pronome *objetivo*, em razão de sua proximidade e, é claro, de momentânea falta de percepção do sujeito, ou da devida consciência da norma.

A seguir, exemplos da produção de alunos – em francês e em português – atestam a exata ocorrência do mesmo fato:

1.a -(Carta simulada de um diretor de cinema, convidando determinada atriz a participar de um filme, em papel importante).

Mademoiselle Ducrot,
Je vous invitez à jouer un rôle intéressant (...).
(Francês, nível IV/95)

COMENTÁRIO – Sendo *Je* (*Eu*, em português) o sujeito do enunciado, o verbo deveria assumir a forma de 1.^a pessoa do singular, ou seja, *invite* (em português, *convido*); o que se fez, no entanto, foi uma

concordância com o pronome complementar *vous*, na função de objeto direto. Isso corresponderia, em português, às formulações “Eu te convidas”/ “Eu a convida”/ ou, literalmente, “Eu vos convidais”.

1.b (Carta simulada de um empresário a alguém, oferecendo-lhe emprego).

Monsieur,

Mon chauffeur m'a dit qu'il *vous connaissez* bien (...). Vous voyez, mon intention est la meilleure possible, puisque mon employé *vous connaissez* bien et il m'a assuré sur votre personne (...)

(Francês, nível IV/95)

Nesse segundo fragmento de carta simulada, ocorre, e com insistência, a falha estrutural verificada no anterior. São dois momentos de emprego do mesmo verbo: *connaître* (em português, conhecer), com um mesmo sujeito em apresentação biforme (*il/mon employé/ ele, meu empregado*). Como se vê, trata-se de um sujeito de 3ª pessoa do singular, sendo compatível, no caso, a forma *connaissait* (*conhecia*, em português).

2.a (Excerto extraído de trabalho na área de Literatura Infantil, com a devida autorização da redatora).

(...) Como, por exemplo, a menina de laço vermelho que observa os soldados (...) e o cachorro que *os acompanham* (...)

(Português, 5.º ano/95)

COMENTÁRIO – A ação de *acompanhar* tem como sujeito semântico *o cachorro*, representado morfossintaticamente pelo pronome relativo *que*, na oração subordinada; portanto, o verbo – ação atribuída ao cachorro – deveria estar no singular: *acompanha*.

É curioso constatar-se a referida tendência, até mesmo na produção em outros níveis:

3.a -(Fragmentos de frases retirados de livro didático destinado a vestibulandos):

Excluídos, vagabundos, pés-de-chinelo (...) são as personagens de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* (...). O que *os diferenciam* das personagens de (...) é que não lutam (...).”

(*O Popular*, 20.11.95, seção VESTILIVROS 4)

COMENTÁRIO – Semelhantemente à situação anterior, a concordância do verbo *diférenciar* se fez com o pronome complemento *os*, em vez de se fazer com o sujeito *o* (demonstrativo neutro), presente na oração subordinada, sob a forma pronominal relativa *que*. O correto seria, pois: *O que os diférença*.

3.b -(Enunciado de probleminha formulado por determinada escola infantil de Goiânia, para a 2.ª série do ensino fundamental):

Distribuí igualmente 16 pirulitos entre 4 crianças. *Quantos pirulitos receberam* cada uma?

COMENTÁRIO – Configura-se, no enunciado transcrito, outro exemplo do mesmo deslize sintático, ou seja: deixou-se de concordar o verbo *receber* com o seu sujeito *cada uma*, singular e posposto, para fazê-lo assumir a flexão numérica do complemento verbal, pluralizado e anteposto, *quantos pirulitos*.

E ainda, de certo modo dentro do aspecto enfocado, vale registrar uma ocorrência de *concordância verbal equivocada* num informativo francês, endereçado recentemente à nossa área. Trata-se de um impresso do *Institut d'Études Françaises de La Rochelle*³ – o IEF – em que se encontra o tópico “Un environnement matériel adapté”, assim desenvolvido:

Les conditions matérielles dont disposent l' IEF lui permettent d' offrir une dynamique qui exploite différents supports (...) bibliothèque.

Tradução: As condições materiais de que dispõem o IEF permitem-lhe oferecer uma dinâmica que explora diferentes suportes (...) biblioteca.

COMENTÁRIO – No fragmento dado, verifica-se que o sujeito do verbo *disposent* (dispõem) é *l'IEF* (o Instituto de Estudos Franceses), ou seja, uma expressão cujo núcleo determinador da concordância verbal é uma palavra no singular – *Institut*: portanto, o verbo deveria estar também no singular *dispose*. Agiu-se sintaticamente, todavia, como se o relativo *dont* (de que) tivesse a função de sujeito “estéril” (à semelhança do pronome *qui*), mediando a relação do verbo com o seu antecedente *les conditions matérielles*. Ora, *dont* nada mais é que um “complément du nom”, ou, mais precisamente, um complemento do sintagma nominal *les conditions matérielles*, conforme a interpretação da gramática francesa.⁴

A inscrição desse fato em nossa abordagem vale como uma confirmação oportuna do que colocamos no início deste artigo e temos procurado demonstrar ao longo dele: dadas as afinidades, o estudo da língua francesa remete para questões concernentes ao português, provocando assim, na escola brasileira, uma remotivação no conhecimento científico do idioma nacional. E, como afirmam Lancelot e Arnauld⁵, no prefácio da *Grammaire de Port-Royal*:

si la parole est un des plus grands avantages de l'homme, ce ne doit pas estre une chose méprisable de posseder cet avantage avec toute la perfection qui convient à l'homme; qui est de n'en avoir pas seulement l'usage, mais d'en penetrer aussi les raisons, et de faire par science, ce que les autres font seulement par coustume. *

Retomando, para concluir, a linha mestra da exposição, gostaríamos de sublinhar o fato de que as falhas cometidas pelos sujeitos-*apprenants* – os estudantes de francês que interagiram nas situações mostradas constituem-se em dados reveladores da maior ou menor dificuldade na relação dos mesmos com o uso padrão do português. Assim, é nesse *carrefour* de transgressões bilíngües em que o desempenho na segunda língua se dá como atualização de uma competência insatisfatória ou displicente na língua materna – é aí, repetimos, que se instaura a oportunidade para o confronto propício a levar o estudante a se voltar para sua própria língua e a refletir sobre sua prática verbal.

RÉSUMÉ

Cet article se fonde, en particulier, sur un recueil de documents attachés à la partique pédagogique de l'auteur au Cours de Lettres de l'UFG. Ce sont des enregistrements de situations analysées avec critère, servant à démontrer comment l'étude du Français peut contribuer à faire mieux connaître le Portugais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULD et LANCELOT. *GRAMMAIRE GENERALE ET RAISONNEE DE PORT-ROYAL* (A Paris, Chez Pierre Le Petit, Imprimeur & Libraire Ordinaire du Roy, rue S. Jacques, à la Croix d'Or. – M. DC.

* Tradução: "se a palavra é uma das grandes vantagens do homem, não deve ser algo menosprezável possuir toda a perfeição que convém ao homem, isto é, ter não apenas seu uso mas também conhecer-lhe as razões e fazer cientificamente o que os outros fazem apenas por costume." (São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 05).

- LX. Avec Privilège de Sa Majesté). Menston, England: The Escolar Press Limited, 1967. (Sic)
- CHKLOVSKI, V. "A arte como procedimento" In: Dionísio de O. Toledo (Org.). *Teoria da Literatura. Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo, 1973, pp. 43-45.
- DUBOIS, J. et JOUANNON, G. *Grammaire et Exercices de Français*. Paris: Larousse, 1956.
- IEF de La Rochelle, Directrice: Annie de LAROQUE – Université d'été, Directeur: Jean-Pierre CLEMENT (Université de Poitiers), s.d.
- MENDONÇA, C. Lúcia de S. et CATHARINA, P. Paulo G. F. – *L'enseignement du Français dans l'école publique et la formation du professeur*. In: ANAIS do 10. Congresso Nacional de Professores de Francês, de 28.02 a 06.03.91, em Florianópolis.

OS CONSTITUINTES DE SN DO KATUKINA

Maria S. de Aguiar*

RESUMO

O texto discute a regularidade dos itens lexicais – dissilábicos e oxítonas. Fazendo um estudo aprofundado dos mesmos, vemos que alguns deles passaram por um processo de aglutinação para alcançar o padrão dos demais. Usamos nesse estudo a teoria da gramática gerativista, dando ênfase aos elementos não-nucleares e ao Sintagma Nominal.

INTRODUÇÃO

O nosso principal interesse aqui é apresentar um pouco de uma pesquisa maior sobre a língua Katukina Pano. Abrangeremos especificamente o sintagma nominal, mostrando os seus constituintes em suas possíveis posições.

Este trabalho está dividido em três partes básicas: 1. A língua Katukina; 2. Os constituintes do SN que, por sua vez, se subdivide em outras duas (2.1. Os elementos não-nucleares de SN e 2.2. Os coordenadores de Ns) e a Conclusão –, além da Referência bibliográfica.

Quanto aos dados lingüísticos, eles foram coletados por nós junto aos Katukina, na aldeia de Olinda, nas ocasiões de trabalho de campo que realizei a partir de 1984.

Temos como propósito, neste trabalho, questionar a organização interna do SN, como também retomar dois pontos relevantes para o estudo das línguas indígenas em geral – o papel da ordem dos constituintes e a natureza isolante de uma língua.

1. A língua Katukina

Os grupos denominados Katukina são vários os do Feijó, do Olinda, do Gregório e do Juquirama. Dentre estes, sabemos que o Katukina do

* Doutora em Lingüística pela Universidade de Campinas (UNICAMP), 1994 e Professora Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG)